

PEDAGOGIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ELIZANGELA ESTANISLAU DUARTE DE SOUZA

O BRINCAR LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

São Gonçalo

2014

Elizangela Estanislau Duarte de Souza

O Brincar Livre na Educação Infantil

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tânia Marta da Costa Nhary

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S729 Souza, Elizangela Estanislau Duarte de.

O brincar livre na educação infantil/Elizangela Estanislau Duarte de Souza. – 2014.

46f.

Orientadora: Profª Tânia Marta da Costa Nhary.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1 .Interação social em crianças 2. Educação de crianças
3.Socialização I. Nhary, Tânia Marta da Costa II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 37-053-2

Elizangela Estanislau Duarte de Souza

O Brincar Livre na Educação Infantil

Monografia apresentada, como requisito parcial para conclusão do curso de licenciatura plena em Pedagogia, à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Tânia Marta da Costa Nhary (orientadora)

Faculdade de Formação de Professores (FFP)

Prof^a. Dr^a. Glauca Campos Guimarães (parecerista)

Faculdade de Formação de Professores (FFP)

São Gonçalo

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que foi minha fonte onde busquei forças e me mantive firme na minha pesquisa e no meu propósito de contribuir para a educação do nosso país.

Agradeço a minha filha que indiretamente influenciou na escolha desse tema, assim como algumas professoras e crianças do estágio supervisionado que passaram por mim durante o curso de Pedagogia.

Agradeço minhas amigas da FFP, Carol, Mônica, Larissa e Jéssica que tornaram essa trajetória mais leve e divertida, mesmo quando tínhamos momentos tensos que nos tiravam o sono.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”.

(Winnicott)

RESUMO

SOUZA, Elizangela Estanislau Duarte de. **O Brincar Livre na Educação Infantil.** Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

Este trabalho trata do brincar livre na Educação Infantil e apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo foi discutir sobre a importância do brincar espontâneo e as contribuições que este brincar descompromissado oferece a crianças do seguimento da educação infantil. A pesquisa foi desenvolvida, por meio de observação, fotos e filmagens nos ambientes onde o brincar era disponível com finalidade de desenvolvimento, socialização e especificidades do outro.

Palavras Chave: brincar livre; construção; interação; socialização.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escorrego e Gangorras.....	24
Figura 2- Casinha.....	25
Figura 3- Playground.....	25
Figura 4- Cavalinhos e Velotrol.....	26
Figura 5- Mesinha.....	26
Figura 6- Crianças.....	28
Figura 7- Crianças.....	31
Figura 8- Crianças.....	32
Figura 9- Crianças.....	32
Figura 10- Crianças.....	33
Figura 11- Caminho de espuma 1.....	34
Figura 12- Caminho de espuma 2.....	35
Figura 13- Crianças.....	35
Figura 14- Crianças.....	36
Figura 15- Crianças.....	36
Figura 16- Crianças.....	37
Figura 17- Crianças.....	37
Figura 18- Crianças.....	40
Figura 19- Crianças.....	41
Figura 20- Crianças.....	41
Figura 21- Crianças.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 AS CONCEPÇÕES DE JOGOS, LUDICIDADE E BRINCAR.....	11
1.1 Concepções de jogo.....	11
1.2 Concepções de ludicidade.....	12
1.3 Concepções do brincar.....	13
1.4 O brincar e as leis.....	15
2 O BRINCAR LIVRE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	17
2.1 E o brincar livre?.....	17
2.2 O brincar em diferentes tempos.....	19
2.3 Por que brincar é importante.....	21
2.4 A socialização no brincar livre.....	22
3 A ESCOLA PESQUISADA E O BRINCAR.....	23
3.1 A hora do recreio.....	24
3.2 O brincar pelo brincar na educação infantil.....	28
3.3 Segundo recreio?.....	33
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO: Entrevista.....	46

INTRODUÇÃO

O tema escolhido – O brincar Livre na Hora do Recreio na educação infantil surgiu, a partir das aulas da disciplina de Arte e Ludicidade III onde as aulas eram realizadas de maneira dinâmica com a participação da turma. O brincar com foco investigativo abrangeu um pouco mais a partir de atividades que participei na escola municipal Zulmira Mathias, localizada no município de São Gonçalo onde elaboramos uma brincadeira com a turma do jardim III envolvi-me na atividade com as crianças e participei de todo o planejamento do entretenimento de tal maneira que depois dessa atividade comecei a pensar em realizar minha pesquisa tendo o brincar como tema. Outro momento que considero fundamental e definitivo para a escolha desse tema foi à disciplina de Educação Infantil em que a professora da disciplina propôs a leitura e discussões dos textos que sempre tinham o brincar como pano de fundo e como elemento importante para a construção do desenvolvimento das crianças. A cada texto debatido em sala de aula mais me encantava o tema e a vontade de compreender melhor a relação brincadeira – educação – interação.

A partir da investigação procuro me aprofundar no estudo das contribuições do brincar livre no processo de aprendizagem, socialização e desenvolvimento da criança na educação infantil. Acredito na ludicidade como parte do crescimento educacional da criança, como elemento importante para o desenvolvimento físico, cognitivo e psíquico da mesma.

Visto que o brincar se apresenta como ferramenta importante para a sala de aula e desenvolvimento interacional.

Vygotsky (2007) destaca que a brincadeira cria zonas de desenvolvimento proximal e que estas trazem ganhos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil.

Por meio das brincadeiras as crianças podem desenvolver a imaginação e a maturidade no aspecto socializador e no desenvolvimento educacional.

Por meio do brincar, as crianças aprendem sobre pessoas, cooperação, atitudes e desenvolvem sua aprendizagem.

Brougère (2009) afirma que as brincadeiras infantis revelam um conteúdo riquíssimo, que pode ser usado para estimular o aprendizado.

Nas brincadeiras as crianças criam um mundo paralelo onde podem: ensinar, aprender, criar, decidir, compartilhar, como também lidar com a diversidade e as diferenças, enfim torna-se sujeito e assume função de autor. O brincar pode compreender uma sucessão de significados para a criança, mesmo que ela não use o brinquedo, que fique abandonado em

algum canto, ou já esteja velho e quebrado. Ele pode ser um amigo, um consolo, um amparo para os pequenos. Ao brincar, por exemplo, de casinha a criança precisa conhecer como é uma casa, seus personagens, executa função social, estabelece vínculos, exercita a sua autonomia, troca com seus pares, experimenta emoções, cria e assume papéis.

Ao brincar as crianças podem aprender de um modo mais profundo, pode criar e recriar seu tempo e espaço consegue adaptar-se melhor às modificações na vida real, conseqüentemente na sala de aula, incorporando novos conhecimentos e atitudes.

A pesquisa aponta para uma investigação sobre o brincar livre e a contribuição que ele pode trazer para a educação e formação social.

A elaboração desta pesquisa tem como meta o papel do brincar livre no espaço escolar Observar o espaço oferecido para as crianças e o modo como elas interagem e socializam nesses espaços por meio de atividades lúdicas motivadas e criadas por elas.

Para iniciar minha investigação busco sinais de que a ludicidade se faz presente em diferentes espaços na escola como no recreio, no parquinho e na sala de aula. Para tal utilizarei os conceitos de Brougère (2010), Fortuna (2000), Kishimoto (2011), Sanny (2010), Vygotsky (2007) entre outros que dialogam sobre o brincar livre na prática educacional.

CAPÍTULO I

AS CONCEPÇÕES DE JOGOS, LUDICIDADE E BRINCAR

No decorrer da história, foram muitos os autores que se interessaram, pelo assunto jogo, brincar e ludicidade. Através de algumas considerações e significados de autores buscarei a compreensão do jogo, ludicidade e brincar, e a partir daí assinalar o que compreendi me debruçando especialmente no brincar de maneira espontânea, livre na educação infantil.

Jogo, ludicidade e brincar são termos que podem se confundir, uma vez que a sua utilização muitas vezes simbolizam a mesma atividade não tendo diferenças, mas os termos possuem suas diferenças e suas especificidades.

De um modo geral a ludicidade é caracterizada pelo brincar e jogar, sendo que brincar indica atividade lúdica não estruturada com regras flexíveis e jogar é uma atividade que envolve regras mais estruturadas, contudo muitos autores classificam estes termos de maneira desigual e para esclarecer os conceitos de cada palavra alguns teóricos expõem suas definições.

1.1-Concepções de jogo

O jogo sempre fez parte da história da humanidade e contribuiu para o processo de formação cultural da sociedade e justamente por estar presente em vários momentos dos povos é que ao longo dos séculos ele foi tomando vários significados e interpretações para diferentes culturas, classes e idade diferentes. Para compreender o termo jogo alguns teóricos apresentam suas concepções.

Segundo Ferreira (2004) jogo é ação de jogar; folguedo, divertimento. O que serve para jogar, exercício ou divertimento sujeito a certas regras.

Brougère (1998) afirma que existem grande variações de definições do termo jogo, sendo necessário buscar situações que esclareçam o significado próprio da palavra.

Como o autor acima afirma jogo tem múltiplas definições uma mesma conduta pode ser jogo ou não, em diferentes culturas, dependendo do sentido a ela imputado, portanto o jogo pode ser visto como resultado de sistema linguístico e funciona de várias formas de acordo com o sentido atribuído. Como exemplo tomo uma situação de nadar em uma piscina de um lado a outro, esta atividade pode ser vista como algo relaxante ou benéfico à saúde

como também pode ter conotação competitiva, sendo ela uma atividade com concorrentes, ela passa a ser inserida em jogo.

Brougère (1998) assegura o que caracteriza o jogo é menos o que se busca do que o modo como se brinca o estado de espírito com quem se brinca. Pode-se concluir que o jogo é ação lúdica que na sua maioria vem acompanhado de preceitos podendo ou não ter forma rígida, enquadrada dentro de uma cultura, ou seja, para o jogo se tornar jogo depende de quem e o que está em jogo, tendo como exemplo: “um tabuleiro com piões é um brinquedo quando usado para fins de brincadeira”. (KISHIMOTO, 2011, p. 17). Teria o mesmo significado quando vira recurso de ensino? O autor ainda afirma que dessa mesma forma, os jogos também despertam nossa imaginação, memória, vontade... Kishimoto (2011)

No jogo a criança é desafiada, passa por experimentações de sentimentos superando dificuldades e desenvolvendo o raciocínio lógico.

Nesta perspectiva, RAU (2011, p.34) afirma que:

Quando você entra na ação do jogo, elabora metas (seus objetivos), prepara estratégias (sua ação cognitiva e motora no jogo), elabora caminhos (elabora hipóteses), brinca de “faz de conta” (vivencia papéis), raciocina e enfrenta desafios (tenta superar os obstáculos), vivencia emoções e conflitos (alegria, ansiedade), organiza o pensamento (supera os problemas, percebe erros e acertos), e sintetiza (compreende resultados, vencendo ou perdendo).

Ao participar do jogo o cérebro passa por um exercício de memória, agilidade, confronto e se vê obrigado a superar desafios propostos pela atividade trazendo benefícios para o desenvolvimento da criança.

1.2-Concepções de ludicidade

Como o jogo a palavra ludicidade abrange muitas definições pelos autores, de forma que busquei algumas fundamentações de alguns para o termo.

Nas considerações de Brougère (2010) a ludicidade se apresenta como significações preexistentes que respondem aos estímulos inseridos no objeto brincante uma construção de entendimento e de expressão que surge da criança.

A ludicidade apresentada pelo autor vem carregada de significações preexistentes que podem vir da cultura, ambiente e estímulos que essa criança está inserida. Por isso alguns materiais brincantes possuem alguma preferência pelas crianças, sendo esta ferramenta para o lúdico parte importante do brincar espontâneo. O lúdico funciona como válvula de prazer

independentemente de ser um jogo, pois o mais importante para a criança é que este momento esteja cheio de satisfação e realização.

A ludicidade é natural da criança só nele os pequenos não possuem obrigação e deveres, neste momento de satisfação e realização o prazer fica distante do dever, pois o lúdico tem o intento de uma experiência prazerosa da atividade.

Para Rau (2011, p.31) “a ludicidade se define pelas ações do brincar que são organizadas em três eixos: o jogo, o brinquedo e a brincadeira”.

A ludicidade contempla na mais tenra idade a sensibilidade, encantamento e imaginação, logo se torna parte da satisfação e contentamento, sendo fundamental para a criança vivenciar, desenvolver e experimentar, pois nas atividades lúdicas que a criança é natural e como resultado, criativa. Podemos dizer que o brincar, possui características lúdicas e significativas. Em relação a estas afirmativas, Borba (2006, p.40) afirma que:

“A liberdade do brincar se configura no inverter a ordem, virar o mundo de ponta-cabeça, fazer o que parece impossível, transitar em diferentes tempos- passado, presente e futuro. Rodar até cair, ser rei, caubói, ladrão, polícia, desafiar os limites da realidade cotidiana.”

A autora retrata e demonstra que é possível construir uma ligação entre o mundo de fantasia e o mundo real. As atividades lúdicas criam oportunidades, faz com que a criança estabeleça relações com o outro e com múltiplas culturas. Por isso o desenvolvimento na dimensão lúdica auxilia a aprendizagem.

1.3-Concepções do brincar

Na web encontrei o brincar com seguintes significados: a ação de divertir-se, de entreter, de distrair. A pergunta que se faz é por que as crianças brincam? Brincam por prazer, para se desenvolverem, para se expressarem, brincam pra se divertir.

Para Cordazzo e Vieira (2008), definir o que é o brincar não é uma tarefa simples, pois o que pode ser considerado como brincar para alguns pode não o ser para outros. Brincar é uma atividade realizada com espontaneidade acompanhada de prazer e expressão não está inserido em regras inflexíveis, quando elas existem são flexíveis podendo ser alteradas e modificadas no tempo que for necessário, tampouco se preocupa com a conclusão do ato.

Segundo o dicionário Ferreira (2004), brincar é divertir-se, recrear, folgar, zombar, coisas que as crianças gostam de brincar, ou seja, brincar pertence ao cotidiano infantil.

Para Kishimoto (2011) o brincar estimula a busca por meios e pela exploração exercendo função indispensável na construção de conhecer e realizar. Por isso devemos

encarar o brincar como parte de um processo de construção do desenvolvimento e não como resultado de uma produção.

Por ser a maneira mais original que a criança tem de familiarizar-se e apropriar-se do mundo, é através do brincar que a criança se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, desenvolvendo-se o tempo todo com as experiências que pode ter.

Moyles (2002) afirma que o brincar é, no mínimo, um episódio autêntico, com significado para os sujeitos envolvidos. Se para autora o brincar possui importância para quem brinca ele também funciona como estado único para as crianças. Assim podemos entender que brincar significa prática de realização, diversão e satisfação do sujeito com maior liberdade de ação representando a possibilidade de ela lidar com o mundo e se adaptar de maneira leve a sociedade.

Se por um lado temos o jogo como ação lúdica que podem vir ou não atribuída de regras, o brincar simplesmente é uma atividade lúdica notoriamente flexível. Vimos que o brincar é fonte de prazer e ao mesmo tempo contribui para a construção do desenvolvimento. Maluf (2003), afirma:

Brincar é, para a criança, um momento mágico. Brincando ela alimenta sua vida interior, liberando assim sua capacidade de criar e reinventar o mundo. O brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades básicas da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, social emocional e cognitivo. (p. 9)

Se para a criança brincar é um momento mágico e flexível ela tem autonomia para conduzir a brincadeira para onde quiser tornando-o sério ou não dentro do contexto do momento em que a atividade está inserida.

Para Kishimoto (2011):

[...] o pesquisador se depara com duas situações que extremamente são idênticas, em que a criança diz: “Agora eu não estou brincando”, mas, logo em seguida, expressando a mesma conduta diz que está brincando. O que diferencia o primeiro momento (não brincar), que aparentemente é idêntico ao segundo (brincar), é a intenção da criança [...] (p.28).

Sendo a intenção a base para o brincar pelo brincar a citação acima reuni elementos fundamentais para o brincar livre que será meu objeto de pesquisa com suas especificidades e contribuições na educação infantil.

Este estudo não tem caráter afirmativo e de posicionamento sobre o brincar livre e sim apresentar suas qualidades, importância e contribuições no desenvolvimento da criança. Veremos o que envolve este brincar e como as crianças vivenciam esse momento.

1.4- O brincar e as leis

Segundo a LDB entre os fundamentos norteadores da educação infantil, inclui-se a ludicidade e criatividade.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) salienta, especialmente, a importância de cuidar e de educar como elementos essenciais nas instituições educativas, tendo o brincar, a criatividade e a ludicidade como eixo norteador da educação infantil.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998, v. 1, p.13), diz:

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação, ao pensamento, à ética e à estética;

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

Ainda no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v.1, p.27):

“A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (...) A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma

criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determina dos modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição”.

No RCNEI, o brincar é considerado uma ponte que beneficia a autoestima dos pequenos, auxiliando-as a superar gradualmente suas conquistas de aspecto criativo, transformando os conhecimentos que já possuíam em definições amplas com os quais brinca.

Garanti o direito da criança de brincar como um dos fatores para exercício de aprendizagem e desenvolvimento. Ao brincar os indícios, movimentos e espaços significam e apresentam outro propósito daquilo que aparentam ser. Ao brincar os pequenos reinventam e reexaminam os acontecimentos e momentos vivenciados, sabendo que estão apenas brincando.

Moyles (2002) relata que o brincar, na educação infantil, pode ser utilizado de forma livre. Nas brincadeiras espontâneas as crianças podem aprender sobre a convivência entre as pessoas; como se comportar em determinadas situações; as características físicas, estruturais, de textura, visuais, auditivas e comunicação.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) é explicitado o direito ao lazer, a brincar, à prática de esportes e divertir-se como direito á liberdade, dignidade e respeito.

Portanto o brincar disponibiliza um ambiente na qual as crianças podem conhecer a esfera que vive e incorporar um entendimento particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos culturais, ainda que isso aconteça inconscientemente. Porém, todos esses benefícios não assegura na prática o direito de brincar. E assim, entre a teorização e a realidade aplicada, o período e o espaço do brincar vão sendo sintetizados, sendo este, visto como movimento que se traduz em oposição a um aprendizado e conhecimento.

CAPÍTULO II

O BRINCAR LIVRE NO ESPAÇO ESCOLAR

Neste capítulo apresento a importância do brincar livre na educação infantil, o que o abrange e oferece para o desenvolvimento e formação da criança. Apresento o brincar livre que emerge da criança sem mediação do educador.

O brincar livre é um momento essencial de aprendizagens informais, tanto no que diz respeito a relações sociais como fazer amigos, interagir com outro, momento de descobertas, oportunidade de assumir um lugar em um grupo, criatividade, transformações de brincadeiras, suas regras, formatos, etc.

As propostas atuais na área de educação destacam a importância do brincar para o processo de desenvolvimento humano (Bomtempo, 2000; Moyles, 2002).

Através do brincar livre a criança expande as possibilidades de brincar seja com o mesmo objeto ou com oportunidade de criar, recriar sua imaginação. No brincar livre a criança transforma em outra coisa o brinquedo encontrado no espaço brincante, assim a criança se apropria da escola nos espaços para brincar.

2.1-E o brincar livre?

Para Gomes (2007), a atividade lúdica pode ser dividida em cinco categorias entre elas o lúdico- livre onde a escolha das brincadeiras, divisão de função e tempo de cada atividade brincante fica a cargo das próprias crianças, sem interferência dos professores.

Quando falamos do brincar todos entram em consenso de que faz bem, auxilia a criança no aprendizado, desenvolvimento e socialização, mas quando o brincar vem especificado como brincar livre torna-se complexa a explicação, porque ele percorre em linha muito tênue com o brincar dirigido e apesar de seguirem em vertentes diferentes caminham lado a lado.

Sobre isso (Dantas, 2002) afirma que, os profissionais de educação infantil percebe o efeito e não a sua causa: a satisfação é o resultado do modo espontâneo, gratuito, e pode está associado a qualquer atividade; ao contrário a imposição pode retrair o prazer também a qualquer uma.

O brincar livre funciona de multiformas nas escolas em alguns momentos ele tem apenas valor recreativo, em outros momentos existe como forma avaliativa comportamental

de crianças que possuem dificuldades de se integrar com outras crianças em outros momentos para ocupar um tempo que não há atividade para as crianças.

Enfim, o brincar livre possui muitas possibilidades e finalidades dentro do espaço escolar.

O brincar espontâneo se traduz em diversão proporcionando exteriorização da criatividade, descobertas e desprendimento de (pré) conceitos, ele oferece a criança envolvimento com o outro, aprendizado consigo mesmo e com seus pares, em troca a criança conquista no brincar livre mente criativa cheia de imaginação e grande poder de criação e descobertas. Brincar no pátio, conversar, contar piadas para os amigos, ler livros, olhar outras crianças, bater figurinhas, descansar, inventar jogos, correr, ficar à toa, qualquer ação de brincadeira em que as crianças possam ser crianças do jeito que queiram está valendo.

O brincar livre é uma atividade realizada com espontaneidade, que se constitui o prazer, ambos interligados não possui uma determinação do que vem antes e que vem depois, o brincar livre acontece porque existe prazer em exercê-lo e não diferente acontece o prazer quando a criança brinca livre. O brincar pelo brincar prevalece à ideia de que a criança tem saberes e que merece credibilidade. É através do brincar espontâneo que podemos observar a manifestação da aprendizagem da criança, podendo perceber os interesses reais dela.

A atividade realizada com prazer oportuniza a criança a adaptar-se e adequar-se ao ambiente. Ela procura a atividade lúdica que melhor se adequa às suas necessidades de desenvolvimento rapidamente, seguindo involuntariamente, naturalmente os incentivos que precedem do saber corporal. É do temperamento que constitui a criança, querer sempre ir além do que já fez, tornando-se cada vez mais capaz no domínio de sua própria corporalidade e na interação com o mundo.

Para Sanny (2010) o brincar espontâneo deve ser pensado de forma ampla, isto é, como uma qualidade da relação que o indivíduo estabelece com os objetos do mundo externo.

O brincar livre é uma possibilidade de abertura de um espaço onde os aspectos da peculiaridade se acham com as interferências da realidade externa para permitir uma experiência criativa com o conhecimento.

A construção do símbolo pela criança amplia a sua capacidade de brincar e de tirar prazer das brincadeiras na perfeita medida em que ela, agora tem discernimento do artifício ligado ao jogo simbólico, isto é, ela não somente brinca, mas tem desejo de brincar de forma livre.

Assim Brougère (1998) acredita na importância do brincar para o desenvolvimento social e psicológico da criança e que ele está intimamente ligado ao papel social da infância,

afirmando que esta atividade é influenciada pela cultura em que o indivíduo está inserido, justificando, assim, que o brincar é um fato social.

O brincar para as crianças é um ato de marcar seu espaço dentro da sociedade ele vem carregado de influências do contexto social em que vive e por isso o brincar livre possui caráter de importância para o desenvolvimento dos pequenos. Nesse brincar livre a criança traz consigo sua cultura e também aprende um pouco da cultura do outro a partir do momento que convive no espaço escolar.

O brincar livre nada mais é que o desejo e escolha de satisfação por meio de uma atividade e para que o prazer aconteça é preciso independência nas suas escolhas e papeis que irão assumir.

2.2-O brincar em diferentes tempos

O brincar sempre existiu e sempre aconteceu de forma espontânea ao longo dos séculos no cotidiano infantil, sempre exerceu função de uma atividade que é facilmente associada à infância. Em muitas culturas, o indivíduo brincou, e nos mais diversos lugares, sejam nos campos, nas ruas, entre outros, lugares esses que diferem em razão da cultura do grupo de onde se brinca. O brincar participa em várias culturas, fases e lugares de acordo com o contexto social e evolutivo de um lugar e no decorrer dos tempos que as formas e espaços de brincar sofreram alterações, sem contar que os objetos brincantes também se transformam e continuam a sofrer mudanças.

No começo, a diversão tinha concepção bem diferente de como é vista nos dias de hoje.

O Renascimento, era que representa o fim da Idade Média trouxe um novo olhar para o brincar que até então vinha reproduzindo crianças como pequenos adultos, desse modo, o brincar passou a servir “para divulgar princípios de moral, ética e conteúdos de história, geografia e outros [...] vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo” (KISHIMOTO, 2011, p. 28).

No romantismo, costumeiramente era considerada como fuga, como um escape da criança, servia como simples recreação. Nessa época perceberam que a criança se expressa por meio dos jogos e brincadeiras.

Com a idade moderna as mudanças do sistema econômico e a Revolução Industrial tornam-se indispensável à utilização de mão de obra, nesse período as mulheres entram no mercado de trabalho e começa a se pensar na criança, pois esta precisa de um lugar para ficar.

No século XIX surgem as primeiras creches que não utilizavam a educação e muito menos o brincar como ferramenta de desenvolvimento das crianças, elas apenas serviam como depósito de crianças que tinham como finalidade assistencialismo. Mesmo não tendo função de educação e desenvolvimento foi nesta época que as crianças começaram a receber ambiente mais apropriado e atenção.

Somente no século XX que são elaboradas leis que lhes dão direitos e deveres, pois nesta fase da história é que o brincar é visto com maior importância e alguma influência no desenvolvimento dos pequenos.

O brincar está na história da humanidade ao longo dos tempos, fazendo parte da cultura de um país, de um povo. Em achados arqueológicos do século IV A.C., na Grécia, descobriram bonecos em túmulos de crianças provando que o brincar sempre fez e sempre fará parte do cotidiano pueril.

Segundo Wajskop (2007), a brincadeira, desde a antiguidade, era utilizada como uma ferramenta para a educação, contudo, somente depois que se terminou o pensamento românico passou-se a valorizar a importância do brincar, pois antes, a sociedade via a brincadeira como uma negação ao trabalho e desinteresse pelo que é sério. Mas mesmo nos dias de hoje o termo brincar ainda não está tão delimitado, pois ele varia de acordo com cada contexto, os termos brincar, jogar e atividades lúdicas serão usados como sinônimos.

Contudo ainda hoje o brincar possui duas vertentes dentro da escola ora é visto como passatempo e coisa não séria para muitos, sendo atividade sem importância com intenção de entreter, por outras vezes é visto como um instrumento para o aprendizado eternizando essa concepção do brincar como uma premiação para as crianças que “se empenham” o que o descaracteriza como potencializador das capacidades humanas.

Hoje, a criança está incessantemente transformando-se por estar imersa no corpo social, interagindo com os adultos. Esse desenvolvimento ocorre através da relação e da experiência sociais.

[...] muitos educadores buscam sua identidade na oposição entre o brincar e estudar: os educadores de crianças pequenas, recusando-se a admitir sua responsabilidade pedagógica, promovem o brincar; [...] Outros tantos, tentando ultrapassar esta dicotomia, acabam por reforçá-la, pois, com frequência, a relação jogo-aprendizagem invocada privilegiada a influência do ensino dirigido sobre o jogo, descaracterizando-o ao sufoca-lo.” (FORTUNA, 2000, p.3).

2.3-Por que brincar é importante?

Motivos para brincar não faltam, sabemos que o brincar livre traz vários benefícios para a criança como etapa de desenvolvimento social, motor, físico e cognitivo.

A criança tem o direito de brincar, pois além dos inúmeros exemplos citados, o brincar oferece caminhos diversificados levando a criança a descobertas. Quando assistimos uma criança brincando, percebemos as representações que ela desenvolve, visto que a criança desenrola a brincadeira a não deixar dúvidas do sentido que os elementos assumem dentro de uma conjuntura e nem o papel que assume no brincar. No brincar a criança altera suas vontades e suas invenções de acordo com seu querer.

Durante as brincadeiras as crianças descobrem seus talentos e habilidades desenvolvem sua capacidade criativa, estimulam a sociabilidade e acabam determinando em que tipo de adultos se transformarão.

Brougère (2010) afirma que quando a criança brinca aprende-se antes de tudo a brincar, a monitorar um universo peculiar.

Pelo brincar a criança, mesmo sem intenção, estimula uma sucessão de características que contribuem tanto para o desenvolvimento individual e social. Pelo brincar acontece diálogo com seus pares e com o mundo também no brincar a criança se expressa e apresenta seus sentidos.

O brincar permite modificações no que se refere às imprescindibilidades e à percepção da criança. A criança, com o objeto brincante, pode levantar suposições, disputas, além de sistematizar relações, com limites e normas impostos pelos adultos.

As crianças brincam porque é divertido e por mais simples que seja essa resposta ou que conjecturamos alguma resposta elaborada não existe outra para responder por que brincar é importante, haja vista que a habilidade de se divertir com uma atividade é característica de sobrevivência do ser humano que por sua vez funciona como válvula de escape. Nossa mente vem programada, através das nossas aptidões básicas, para gostarmos de atividades que nos ajudam a assegurar nossa sobrevivência, como alimentar-se, etc. Bem quando fazemos algo prazeroso o cérebro libera dopamina, que ativa o circuito de gratificação do cérebro e nos causa o efeito de querer mais. Por este motivo que as crianças apreciam e sempre querem a mesma brincadeira se tornando insaciáveis.

O brincar é à base da criação espontânea para uma criança, para a construção do porto seguro, ou seja, é brincando que a criança adquire significados através da linguagem, das relações e criatividade para construir estratégias que facilitam e ampliam o seu viver.

2.4-A socialização no brincar livre

BROUGÈRE (2010) considera a socialização como um conjunto dos processos que possibilitam a criança fazer parte da sociedade que vive, fazendo compreensão dos códigos, permitindo-lhe estabelecer uma comunicação com outras pessoas, tanto no propósito verbal quanto no não verbal.

Durante o período escolar a interação em grupo começa a ter significativa importância, primeiramente os grupos são formados por crianças que se assemelham em características e gostos parecidos.

Brincar em grupo seja nas brincadeiras imaginárias ou articuladas por um brinquedo faz com que a criança conviva com o outro como participante da mesma atividade e esse momento é de grande relevância para a interação e o aprendizado da convivência no mesmo ambiente com seu par, afinal brincar junto antes de qualquer coisa cria e reforça os laços afetivos.

É no campo do brincar que a criança adquire vários elementos culturais, reelaborando um novo roteiro das figuras, e os sentidos sociais para a sua interiorização personalizada.

A interação entre as crianças faz com que aos poucos elas sejam diferentes uma das outras, pois, cada indivíduo possui uma maneira peculiar de sentir, pensar e agir. A socialização precisa ser compreendida como método de assimilação e reformulação através da relação com o brinquedo.

A hora do intervalo costuma ser um dos pequenos momentos onde as crianças interagem sem o controle dos adultos, e onde suas brincadeiras e relação sociais são mais livres. O brincar com outras crianças beneficia o entendimento de divisão e cooperação com o outro.

O brincar livre é muito revelador para o desenvolvimento pleno da criança é na hora do recreio que as crianças estabelecem amizades através da brincadeira espontânea. O brincar na educação infantil tem exercido papel de extrema importância nas amizades, do mesmo modo, os pequenos obtêm, por meio do brincar, suas aptidões.

Nas brincadeiras livres com crianças de idades parecidas, os pequenos abrangem oportunidades de vivenciar situações de exercício de negociação, experimentação de diferentes papéis sociais vividos no faz-de-conta. Estas habilidades exercitadas durante o brincar contribuem nas futuras interações sociais das crianças.

Para Vygotsky (2007), a aprendizagem acelera processos superiores internos que são capazes de atuar quando a criança encontra interação com o meio ambiente e com outras pessoas. O autor ressalta a importância de que esses processos sejam internalizados pela

criança. E a brincadeira proporciona tudo isso para a criança, além do prazer em brincar com o outro, adquirir conhecimentos entre seus pares.

As brincadeiras livres dentro do espaço escolar permitem que as crianças convivam socialmente com outras crianças exercitando habilidades que contribuem na construção do campo cognitivo e afetivo.

O brincar pelo brincar legítimo da criança é de suma importância no processo de construção de conhecimento do mundo e da realidade que está inserida e nesse contexto revela-se que o interagir nos momentos lúdicos vivenciados na escola, contribui diretamente para a formação da criança.

Para complementar Vygotsky (2007) afirma que o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

CAPÍTULO III

A ESCOLA PESQUISADA E O BRINCAR

O modelo de investigação teve como recurso metodológico, a observação de crianças da educação infantil em situação de recreação livre oriundas de instituição privada localizada no município de Niterói. A pesquisa se deu as segundas-feiras durante dois meses.

A escola participante da pesquisa é uma escola pequena que aplica o ensino na educação infantil e ensino fundamental do 1º ciclo. Na escola foram observadas 10 crianças com idade de 3 e 4 anos, de ambos os sexos, pertencentes a raça e classe social diferentes sendo na sua maioria classe média baixa e classe média. A turma possui 2 alunos especiais uma menina com síndrome de Dow e um menino com síndrome de Asperger, os dois possuem laudo médicos e estão inseridos na turma. Os alunos que frequentam a instituição particular são na sua maioria crianças que moram entorno da escola, por se tratar de uma escola de bairro residencial é uma instituição muito conhecida pela comunidade por ser acolhedora com profissionais que atuam na educação há muitos anos fazendo parte da educação dos pequenos há pelo menos 25 anos.

A escola oferece educação tradicionalista para seus alunos com métodos de ensino diferentes de acordo com o nível da turma e idade. Na educação infantil utiliza-se o

construtivismo porque a professora (pedagoga) acredita que o aprendizado com os pequenos acontece de maneira lúdica sem regras e imposições. É preciso acrescentar que mesmo proporcionando uma educação tradicionalista a escola deixa livre os educadores para trabalhar da maneira que achar própria para a turma.

3.1- A hora do recreio

As crianças da escola pesquisada mostraram-se capazes, mesmo sem um ambiente escolar planejado para elas, com poucos objetos brincantes de tornar a espacialidade viva, e procuraram transcender esse ambiente através da imaginação e brincadeiras.

O espaço oferecido às crianças para o recreio também é espaço para atividades festivas da escola. Quando não há eventos e festas os brinquedos são espalhados neste espaço para o brincar livre dos pequenos. O ambiente externo é composto por casinha, playground, escorregador, velotróis, cavalinhos e gangorras.



Figura 1 - Escorrego e gangorras



Figura 2 - Casinha



Figura 3 - Playground



Figura 4 - Cavalinhos e velotrol



Figura 5- mesinha

Cada visita a escola na hora do recreio durou em média 30 minutos. O recreio se divide em: 15 minutos no espaço externo e 15 minutos no espaço interno. Durante o tempo

das minhas visitas, as crianças foram fotografadas e filmadas com a autorização da escola, pais ou responsáveis.

A chegada dos pequenos no ambiente externo é conduzida pela professora Leila (nome fictício) que durante 15 minutos apenas observa e cuida para que as crianças não se machuquem ou empurrem umas as outras. Não há nenhuma interferência e condução da professora nas brincadeiras ou brinquedos escolhidos pelas crianças.

Uma particularidade na escola é que a hora do recreio não é o momento do lanchinho e sim é o momento de brincar. Eles procuram valorizar este momento e reserva-lo somente para que os pequenos deixem fluir sua imaginação. E apesar do recreio ser parte da rotina escolar, este momento é feito de subjetividade, pois nele surgem brincadeiras novas e velhas que se renovam a cada dia, a cada vez que se encontram. Ali também se dá construção de amizades, o respeito ao outro nos seus gostos e vontades. Nenhum momento brincando foi igual ao outro que passou, mesmo que nos momento feitos de brincadeiras conhecidas desse grupo.

Em minha primeira visita, observei que as crianças aproveitavam todos os cantos do espaço destinado para suas brincadeiras. A impressão que tive é que saiam desnorteados para todos os lados, correndo, gritando, pulando e procurando um lugar para brincar. Perguntadas sobre o que é mais legal no recreio obtive as seguintes respostas:

“Porque é legal brincar com os amiguinhos da escola.” (Sabrina).

“É bom correr.” (André).

“É legal subir no escorrego.” (Maria).

Em outro momento perguntei as crianças qual brinquedo que ela mais gosta naquele espaço? Por quê?

“A casa com escorrego. Porque é mais legal.” (Sabrina).

“O velotrol. Porque eu corro igual carro.” (Gabriel).

“Pega-pega. Porque eu corro rápido e pego todo mundo.” (Nuno).

Incutida em saber o que pensa a professora da turma perguntei informalmente como é a recreação fora da sala de aula para ela. Ouvi a seguinte afirmação:

“A escola oferece poucos materiais de livre escolha para as crianças mais dentro do possível elas liberam sua imaginação e o que eu vejo é satisfação.” (Leila).

3.2- O brincar pelo brincar na educação infantil

Durante toda minha pesquisa de campo algumas brincadeiras me chamaram atenção uma delas foi à imaginação. As crianças desta escola se mostraram muito ativas com suas criações e recriações das histórias e brincadeiras. Quando as crianças manipulam brinquedos, elas têm a chance de reproduzir, transformar e até negar situações que vivenciam. Também colocam em cena o que desejam conhecer. Quando o velotrol, cavalinhos, casinha, escorrego, entre outros, são elementos do brincar, as crianças ganham a chance de descobrir a realidade, ter consciência de valores diferentes dos seus e inventar o próprio universo. Para acentuar essa ideia Cunha (2001), aponta que:

(...) dar-lhe oportunidade para que, brincando libere a sua capacidade de criar e de reinventar o mundo, de deliberar sua afetividade de ter suas fantasias aceitas e favorecidas para que através do mundo mágico do faz-de-conta possam explorar seus próprios limites e partir para a aventura que poderá levá-lo ao encontro desses mesmos. (p.10)



Figura 6

No primeiro diálogo ouço uma menina de quatro anos chamar outra de bebê para brincar com ela na casinha, sem resposta a criança insiste e chama mais uma vez e dessa vez

com resposta negativa e justificada pela outra: “não quero, eu quero escorrego” afirmando a sua vontade de ir para o escorrego do playground. Percebendo a desistência da amiga ela tenta manter a mesma brincadeira no brinquedo-desejo da outra criança e segue para o playground com os cuidados de uma mãe protegendo a filha, tomando conta para que ela não se machuque ajudando-a a escorregar.

Ao cercar a colega de cuidados, ela imita e tenta reproduzir atitude de uma mãe para com sua filha. Ao fundo ouvi:

“Iupi!”

“Eba, eba!”

Cinco crianças correndo em direção ao velotrol dando início a uma tremenda confusão onde a professora precisou intervir para que não houvesse brigas.

Sabrina andava de velotrol, dava tchau como se estivesse indo embora por um meio de locomoção como carro, ônibus, etc. Depois da euforia pelo mesmo brinquedo, alguns resolveram partir para outros disponíveis como a casinha.

Sabrina na casinha chamava Gabriel

Vem brincar comigo?!

De dentro da casinha Paula avisava a Sabrina *“estou esperando, anda”*.

O dentinho da casa que possui a forma de um rosto virou TV e Sabrina dizia:

Estou vendo filme de monstro.

Em seguida Sabrina e André deitaram-se e fingiam estar trocando de canal.

- *Vou desligar a televisão.* (Sabrina)

- *Não desliga vou ver Max Steel.* (Gabriel)

Pela imaginação, a criança testa e experimenta os diferentes papéis existentes no grupo social (filhinho, mamãe, motorista, trabalhador, etc.).

No segundo momento de pesquisa de campo o recreio acontecia de maneira tranquila com as crianças brincando na casinha, velotrol, escorrego, entre outros, quando de repente André dentro do playground grita: *Olha o tubarão! Tubarão!*

Chamando a atenção de algumas outras crianças que rapidamente vieram ao seu encontro ficando na parte alta do play olhavam para baixo gritando: *“Ai, o tubarão vai me*

morder!” Outra criança diz: *“Vamos pela janela.”* Outra: *“Eu vou por aqui”*. Descendo pelo escorrego acoplado ao playground. *“O tubarão vai morder você.”* (André).

Todos saíram correndo do play e partiram em direção a um canto do pátio indo e voltando ao brinquedo sempre dizendo: *“Corre do tubarão! O tubarão voltou”*.

Nesse momento ouvi histeria de todas as crianças que participavam desta brincadeira, até a professora intervir e pedir que parassem de gritar.

A professora: *“Não quero que gritem se gritar vão entrar”*.

Fez-se uma calma em relação aos gritos, mas a brincadeira de que havia um tubarão continuou.

Gabriel surgiu não sei de onde com um pedaço de madeira que virou uma espada para matar o tubarão, porém a professora interrompeu retirando a madeira da mão justificando que aquilo não era pra brincar. De fato não era mesmo.

As crianças que não participavam da brincadeira do tubarão se apropriavam do escorrego e do velotrol.

André falou pra Maria que permanecia no chão do playground. *“Sai daí! Ele tá quase pegando você, ele tá pertinho de você.”*

Ellen portadora de síndrome de Dow era a única criança que evitava se relacionar e interagir com outras, mesmo sendo chamada por André para brincar ela não saía do lugar. Sempre alheia às brincadeiras das outras, ela buscava brincar de forma solitária. Em alguns momentos mostrou-se interessada em alguns brinquedos, mas só se aproximou de tal quando nenhuma outra criança estava por perto. A interação só ocorreu com outras meninas, apenas no escorrego.

Ellen gosta de brincar, aprender a utilizar os brinquedos sem contato físico com outros coleguinhas, o que ela não gosta é interagir e socializar sua brincadeira ou objeto brincante com outras crianças.

Segundo a professora desde que entrou na escola no início do ano letivo ela evoluiu muito principalmente na hora do recreio. Antes ficava isolada num canto e só olhava as outras crianças sem tocar em brinquedos, hoje ela consegue se envolver e criar suas brincadeiras solitárias e por algumas vezes interage timidamente com algumas meninas.

Nas paredes da área externa havia uma exposição de trabalhos de outras turmas sobre o Dia Mundial do Meio Ambiente. Duas crianças ficaram identificando as imagens que viam nos trabalhos e notei uma admiração em ver o planeta Terra.

Gabriel falava: *“Olha o planeta Terra. Tá vendo o planeta?”*.

Paula chamou a atenção: *“A praia”*.

Olha praia grande!(Sabrina)

Nuno passou por elas no velotrol dizendo: “*Estou esperando abrir o sinal*”.



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

3.3- Segundo recreio?

Na sala de aula os armários guardam brinquedos como carrinhos, aviões, bonecas, panelinhas, brinquedos de montar como lego e quebra cabeça, celulares de plástico, caixinha de música entre outras. Em um canto da sala ficam três peças de espuma chamada pela professora de caminho de espuma.



Figura 11- Caminho de espuma 1



Figura 12- Caminho de espuma 2



Figura 13

No espaço interno as crianças encontram os objetos de imaginação e criação de brincadeiras e assim, como o espaço externo a professora da turma não induz nenhuma

brincadeira e não incentiva as crianças brincar com determinado brinquedo o que lhes permitem exploração, criação. Portanto, um brincar livre e espontâneo.



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17

O recreio acabou e permaneci um pouco mais com a turma agora dentro da sala de aula para perceber como se dá o brincar das crianças também na sala. Compreender o brincar antes ocorrido no recreio num espaço maior com tipos de objetos brincantes com estrutura definidas foi desafiador e ser levada à sala de aula num espaço menor com objetos brincantes em outra proporção foi muito mais instigante e sugere maior raciocínio e interação dos pequenos.

Ao me sentar num canto da sala a professora pediu que todos os alunos se sentassem nos seus lugares para o lanchinho. Em seguida a professora puxou a música: “*Meu lanchinho, meu lanchinho vou comer, vou comer...*” sendo seguida pela turma. A professora me avisou que costumeiramente ao terminar o lanche ela pega o baú de brinquedos e deixa os alunos a vontade para escolher os brinquedos. Ao jogar as peças de montar no chão da sala foi uma gritaria só. Os meninos eram os mais entusiasmados em criar brinquedos com o lego.

Nuno foi logo dizendo para André: “*Vamos montar um muro?!*”.

A professora aproveitou e entregou alguns carrinhos no qual ouvi a seguinte reação: “*Eba!*”.

Em meio à brincadeira veio Ellen e começou a mexer no meu cabelo, a professora tentou intervir, mas ela só queria ficar mexendo e inventando penteados no meu cabelo. Houve um momento em que ela chegou ficar de pé na cadeira para poder movimentar melhor meu cabelo, a professora pediu para que ela se sentasse e nada fazia com que obedecesse por fim tive que interferir e pedir que ela se sentasse senão obedecesse não iria mexer mais no meu cabelo e somente assim ela obedeceu.

Em meio aos penteados me voltei mais uma vez para a brincadeira de Nuno e André e perguntei o que eles estavam fazendo. Rapidamente Nuno respondeu: “*Corrida de muro, tá vendo a rua aqui ela tá toda quebrada*”.

Surge na minha frente Gabriel com a língua pra fora com peças de lego em forma de uma roda. Ele fazia de tudo para chamar minha atenção, fazendo sons e se movimentando como se estivesse dirigindo. Perguntei: O que é isso?

“*É uma roda*”.

Maria também resolveu participar da brincadeira de Nuno e André que por sua vez demonstrou não gostar muito, pois toda a peça que ela pegava para colocar em algum lugar André dizia: “*Não é ai. Tira! Essa é pro túnel*”. Novamente ouvi. “*Não pega! Tira mão*”.

Assistindo ao cenário montado perguntei novamente o que eles estavam fazendo, se era um túnel ou muro. Nuno diz enfático: “*é um muro*”. André diz; “*é túnel*”. Com o

empasse, voltei a perguntar: é túnel ou muro, André? Sem querer aborrecer o colega: “*ele disse que é muro, então é*”. Nuno se envolve na conversa e afirma já irritado: “*é muro*”.

Vem Maria com uma caixinha de música mostrando dois celulares um rosa e outro azul que estavam dentro da caixinha de música.

Volto-me para Anderson.

“*É o Rio de Janeiro com túnel pros carros passar*”. (Anderson)

Maria fica enciumada com a atenção que dou a Anderson e começa a retirar algumas peças de lego da sua criação e ao perceber a ação de Maria tenta recuperar as peças dizendo: -

- “*É meu!*” Maria responde: “*É da escola*”.

- “*É da escola?* (Anderson)

- “*É da escola, é meu, é da escola*”. (Maria)

- “*É*” (Anderson)

Ao fundo ouvi: “*Olha a orelha dela*”. Referindo-se a boneca que estava nas mãos de Paula.

André e Nuno se juntam ao grupinho que está com a casa de lego nas mãos onde mora um tubarão. A curiosidade era ver o tubarão preso. Todos queriam colocar os olhos no buraco da tal casinha e ver o tubarão.

Vem Nuno em minha direção e diz: “*Olha! O tubarão tá ali*”. Eu pergunto: Ele é grande?

- “*Ele morde*”. (Nuno)

- “*Quer ver ele*”? (Sabrina)

Todo grupo vem em minha direção e uma das crianças abre a tampinha (janela) pra me mostrar. Procuo participar da brincadeira já que fui convidada para ver o bichano preso na caixinha de lego.

- “*Ele morde*”. (Gabriel)

- “*Ele morde a gente*”. (Paula)

- “*Eu tampo, eu tampo*”. (André)

- “*Eu vou tampar ele*”. (Sabrina)

- “*Ai, ai!*” (Sabrina)

- “*Ih! O tubarão mordeu a gente*”. (Paula)

A brincadeira do tubarão imaginário ainda perdurou por um bom tempo com o grupo. Elas criavam soluções para fugir do tubarão e outras vezes se colocam em perigo com o surgimento de outros tubarões. Elas enfatizavam aspectos importantes para o lúdico como: a

vivência prazerosa da ação, espontaneidade, privilegiando a criatividade a inventividade e a imaginação.

Wajskop (2007) assinala que no ato de brincar as crianças se colocam em condições de desafios e experimentos.

Portanto, o brincar pode ser considerado uma relação de interação entre os pares em uma circunstância imaginária com regras de convivência que devem ser exercitadas mediante a brincadeira.

Compreender o brincar livre nessa escola foi desafiador, pois existem ali dois espaços distintos usados com fins do brincar com materiais diferentes e ao mesmo tempo sendo uma continuação do outro.

É importante ressaltar que os meninos sempre buscavam materiais para dar início o brincar, tanto no espaço recreativo e na sala de aula sempre foi utilizado um brinquedo como recurso. Entre as meninas para começar o ato de brincar elas fizeram uso apenas da imaginação e somente após iniciar a brincadeira e quando necessário buscavam objetos para dar continuidade à atividade.



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

CONCLUSÃO

O brincar livre é um tempo de experiências e experimentações com satisfação e insatisfação. Antes de ser aprendido, uma integração com o outro o brincar traz a descoberta de si o que lhe proporciona desenvolvimento afetivo, físico, cognitivo e emocional.

A criança ao brincar cria relações trazendo sua história para a brincadeira, entrelaçando a realidade concreta com a realidade psíquica que é o modo de pensar, ser e sentir sua realidade. Faz transferências e substituições das ações vivenciadas no cotidiano pelas ações e características da brincadeira assumindo um papel, revivendo conteúdos que a marcaram numa repetição para que tenha continuidade da história. Ao brincar a criança tem a oportunidade de reconstruir relações com o mundo, com as pessoas, com os objetos, lida com os seus problemas com autonomia, resolvendo-os no contexto da brincadeira.

Para Vygostky (2007) É na brincadeira que a criança se comporta além do seu comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade.

Brincando a criança passa a fazer parte do campo das significações, desta forma, ao invés de separar as crianças das brincadeiras para o cotidiano da sala como o momento de aprender, seria interessante e de grande importância o educador ampliar o espaço da sala de aula para a brincadeira e a livre expressão dos seus alunos como um dos combustíveis para o desenvolvimento satisfatório.

É durante o brincar que as crianças adquirem iniciativa e autoconfiança, quando lhes é dada oportunidade de ter independência e liberdade. Nada mais é que um caminho natural de uma trajetória para o desenvolvimento.

Conclui-se então que, a escola enquanto espaço de apenas conhecimento formal que não abre espaço para o aprendizado pelo brincar espontâneo torna-se um espaço desestimulante e desinteressante para as crianças, pois é pelo exercício do brincar que a criança irá aprender a se socializar, a se desenvolver de forma motora, física, cognitiva e afetiva.

REFERÊNCIAS

- BOMTEMPO, E. **Brincar: fantasiar, criar e aprender**. In: OLIVEIRA, B. B. (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 127-149.
- BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: Brasil MEC/ SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. _ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Trad. Patrícia Chittoni Ramos.
- _____. **Brinquedo e cultura**; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop.- 8. Ed.- São Paulo: Cortez, 2010. - (Coleção questões da nossa época; v.20)
- CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte & VIEIRA, Mauro Luís **Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar**. *Psicol. Reflex. Crit.*[online]. 2008, vol.21, n.3, pp. 365-373. SSN 0102-7972.
- CUNHA, N. H S **Brinquedoteca: Um mergulho no brincar**. 3ª ed. São Paulo: Vitor, 2001.
- DANTAS, H. (2002). **Brincar e trabalhar**. Em T. M. Kishimoto (Org.), **O brincar e suas teorias** (pp.111-121). São Paulo: Pioneira-Thomson Learning.
- ECA , LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 cap.II art. 16, IV. Visto em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 6. ed. rev. atualiz.- Curitiba: Positivo, 2004, p. 497.
- FORTUNA, T. R. **Sala de aula é lugar de Brincar?** In:XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H.(org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- GOMES, M. R. V. C. S. **Entre o livre e o didático: o papel do lúdico na escola de Educação Infantil**. In: COSTA, M. F. V.; COLAÇO, V. F. R.; COSTA, N. B. (Org) **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. (Org.); 14. Ed.- São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. (orgs). **O brincar e suas teorias**. 6. Reimpr. da 1ª ed. De 1998- São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil** / Janet R. Moyles; Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A Ludicidade na educação: uma atitude pedagógica.** Série educação. 2. ed. Local. ed. IbpeX, 2011. p. 245.

RCNEI. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pcns/educacao_infantil/volume1.PDF
SANNY, S. da Rosa. **Brincar, conhecer, ensinar.**- 5º ed.- São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v. 19)

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2007.

QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O questionário abaixo é parte de uma pesquisa referente ao trabalho de conclusão de curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os dados do questionário serão somente empregados para o referido trabalho sem que o nome da educadora seja mencionado.

1. Qual sua formação profissional? Há quanto tempo trabalha com este nível de ensino?

R: Pedagoga. Há 2 anos.

2. Qual a importância do brincar na educação infantil?

R: É de extrema importância para a educação infantil, pois eles só trabalham no concreto o que torna um dos fatores que ajudam no desenvolvimento das crianças.

3. Qual a motivação para o uso de brinquedos na sala de aula?

R: A motivação é levar a brincadeira para o aprender brincando.

4. Como educadora você acredita que o brincar contribui para o desenvolvimento da criança como um todo? Na sua vivência isso acontece?

R: Sim. Acredito que eles só eles aprendem.

5. Qual a dificuldade para a professora em equilibrar o dever e o prazer?

R: Muitas, mas prefiro não especificar por se tratar de uma escola tradicionalista.

6. Como você vê o brincar livre dos seus alunos?

R: Momento de criar suas próprias histórias e desenvolver vários aspectos.

7. Você tem utilizado brinquedos e brincadeiras em sala de aula e qual é o tempo disponível para as mesmas brincarem?

R: O tempo todo, apesar da escola ser tradicionalista tento introduzir brincadeiras com intuito de aprendizado.

8. Quando as crianças estão brincando quais são as brincadeiras ou jogos mais utilizados por elas ou que elas gostam mais?

R: O caminho acolchoado, pique-pega e macaquinho mandou.



**Rua Dr. Francisco Portela, 1470 - Patronato
Cep 24435-005 - São Gonçalo - RJ
<http://www.fpp.uerj.br>**